

THE TURN OF THE SCREW: UM ESTUDO DESCRITIVO, INTERDISCIPLINAR E PRELIMINAR AO TRABALHO TRADUTÓRIO

TRANSLATION OF THE TURN OF THE SCREW: A DESCRIPTIVE, INTERDISCIPLINARY AND PRELIMINARY STUDY

Diana Costa Fortier¹

RESUMO

*A novela *The Turn of the Screw* (usar itálico para títulos), de Henry James, tem sido objeto de uma vasta quantidade de estudos críticos desde sua publicação, em 1898. Constitui um exemplo do gênero novela, definido como um formato “curto demais para ser um romance e longo demais para ser um conto” (definido por quem?), em que Henry James foi particularmente bem-sucedido. Desde o início, fez enorme sucesso de público e crítica e foi um dos maiores triunfos literários de James, mas talvez também seu trabalho mais controvertido e enigmático. O presente artigo apresenta o estudo preliminar que fundamentou a elaboração de uma tradução comentada da novela *The Turn of the Screw* para o português brasileiro. Entre outras fontes de dados para a elaboração do texto em português encontra-se um corpus contendo as dez traduções anteriores da novela para o português do Brasil, compilado para o presente estudo e investigado com o auxílio de ferramentas computacionais de análise linguística.*

PALAVRAS-CHAVE: *Henry James; The turn of the screw; Tradução Comentada.*

ABSTRACT

The Turn of the Screw by Henry James has been the object of critical studies since its publication in 1898. It is an example of the genre novella, defined as being "too short to be a novel and too long to be a short story" (who?), and in which Henry James was particularly successful. From the beginning, it was a huge success of both public and critic and was one of the greatest literary James' triumphs, and perhaps his most controversial and enigmatic work. This paper presents the results of a preliminary study meant as background for the preparation of an annotated translation of the novella The Turn of the Screw into Brazilian Portuguese. Among other data sources for the translation there is a corpus containing the ten previous translations of The Turn of the Screw into Brazilian Portuguese, compiled for this study, and investigated with the aid of computer tools for linguistic analysis.

KEYWORDS: *Henry James; The Turn of the Screw; Annotated Translation.*

1. Um fenômeno editorial e tradutológico

A novela *The Turn of the Screw* (doravante TTOTS), de Henry James, foi publicada em 1898². Ao longo do pouco mais de um século decorrido desde então,

¹ Doutorado em Estudos da Tradução (UFSC), 2016.

<https://orcid.org/0000-0001-8265-497X>

² A edição da obra empregada ao longo do presente artigo é a da Editora William Heinemann, de 1898.

alcançou status de clássico da literatura de terror, sendo traduzida para diversos idiomas, entre eles, o português brasileiro. É centrada sobre a figura ambígua de uma preceptora dada a contatos frequentes com o sobrenatural, segundo uma vertente de interpretação, ou mentalmente perturbada ao ponto de fantasiar visões de entes desencarnados, de acordo com outra possibilidade de leitura. Qualquer que seja o ponto de vista a partir do qual se compreenda a história, no entanto, TTOTS é um exemplo de peça literária finamente construída por um autor conhecido por sua sutileza e obsessão pelo refinamento estético. Usando da ambiguidade como elemento fundamental dentro da narrativa, James criou uma obra-prima que continua a despertar o interesse de leitores e tradutores do mundo inteiro.

A partir de um primeiro contato com a novela, ainda durante os estudos de graduação em Letras – Inglês, na Universidade Federal do Ceará, surgiu meu interesse pela obra de James, como um todo, e por TTOTS, em particular. Fazia, então, meu curso de Licenciatura, mas, como é comum acontecer com aqueles que se dedicam ao estudo aprofundado de uma língua estrangeira, já entretinha relações amadoras com a atividade tradutória. A leitura de TTOTS, naquele momento, foi obrigatória, mas meu relacionamento com a obra perdurou por muito mais tempo que a disciplina de Literatura em Língua Inglesa, cuja docente me apresentou a novela de James, e foi de natureza totalmente voluntária. Como leitora, fui atraída pelas figuras trágicas da preceptora e das crianças sob sua responsabilidade, bem como pela questão da natureza do mal que permeia a história. Como tradutora em formação, seduziu-me o desafio de produzir um texto que contivesse minha própria leitura daquela obra-prima.

Este artigo apresenta o resultado de um estudo preliminar que culminou, posteriormente, na concretização deste projeto longamente acalentado: realizar uma tradução comentada para o português do Brasil de TTOTS. O presente texto apresenta a obra e suas traduções, começando com uma discussão sobre o autor e sua produção literária até chegar a TTOTS, incluindo o enredo, as personagens e as temáticas principais da novela. O foco da reflexão está na questão da ambiguidade, que considero elemento fundamental para a compreensão do interesse despertado pela obra ao longo dos anos, desde seu lançamento em 1898, até os dias de hoje, com novas gerações de leitores intrigados e fascinados pelo dilema da existência ou não dos fantasmas de Bly: mistério literário comparável ao dilema da traição ou não de Bentinho por Capitu (sugiro inserir nota de rodapé com referência da obra citada).

Em seguida, apresento as visões da crítica sobre a obra, aliando as referências a fontes bibliográficas a um pequeno estudo empírico em que emprego as ferramentas da linguística de corpus para investigar as principais linhas de interpretação da obra: a leitura literal ou aparicionista e a leitura freudiana ou não-aparicionista. Com base em uma pequena coletânea de textos críticos sobre TTOTS ao longo de três períodos, que vão do lançamento da novela até o presente, que foram digitalizados e analisados com auxílio de software de análise linguística, investiguei como as palavras-chave desses textos podem fornecer indicativos de qual ou quais leituras mencionadas predominaram na fortuna crítica de TTOTS em cada um dos intervalos estudados. Faço também referência a uma terceira linha de interpretação, percebida em terras brasileiras: a leitura espírita de TTOTS (tem certeza que só é percebida no Brasil?).

Este estudo se encerra com a análise da cronologia e distribuição das traduções brasileiras de TTOTS, além de uma breve análise comparativa dessas traduções com o auxílio da linguística de corpus. Para tanto, as datas de publicação das obras de James no Brasil foram analisadas, com foco nas dez traduções da obra em português brasileiro,

a partir da primeira, em 1961, até a mais recente, em 2015. Verifiquei a distribuição das edições brasileiras por ano e por tradutor, observando as mudanças de título e outras entre as diferentes edições.³ Busquei também levantar informações sobre cada um dos dez tradutores de TTOTS para o português brasileiro, profissionais de formações e atuações tão diversas quanto as traduções que produziram.⁴ Finalmente, após digitalizar cada uma das dez traduções “brasileiras”, empreguei software de análise linguística para encetar uma breve análise comparativa dos textos produzidos, em termos de sua extensão (número de páginas, número de palavras) e de sua densidade lexical (calculada com base na razão *type/token*). Finalmente, tezi comentários relativos à presença de traços de simplificação e explicitação nas traduções, universais tradutórios propostos por Baker (1993).

2. *The Turn of the Screw*: de *amulette* a clássico do horror gótico

The Turn of the Screw é um dos maiores sucessos literários de Henry James, escritor nascido nos Estados Unidos (1843) e naturalizado britânico em 1915. James ficou célebre por seus romances, contos e novelas, bem como por sua obra crítica e por seus relatos de viagem. Cosmopolita por formação e escolha, o autor é muito conhecido pelas obras em que aborda a chamada “temática internacional”, ou seja, em que explora as relações complexas e conflituosas entre novo e velho mundo (FOGEL, 1993; FREEDMAN, 1998), criando narrativas em que europeus e americanos são levados a conviver, realçando os contrastes entre uma América ainda inocente e simplória e uma Europa muitas vezes corrupta e maliciosa. Em TTOTS, porém, James explorou uma temática totalmente diversa – como em diversos contos anteriores e posteriores, o autor se apropria do sobrenatural para compor uma novela curta o bastante para não receber a classificação de romance, mas infusa de um terror tão absoluto que apavora, ainda hoje, leitores de todo o mundo. Mas do que uma simples história de horror, TTOTS é uma pequena grande joia da literatura mundial, capaz de continuar prendendo a atenção – e fazendo prender o fôlego – de uma nova geração de leitores, mesmerizados pelo dilema fundamental: a protagonista vê realmente fantasmas?

TTOTS tem sido objeto de uma vasta quantidade de estudos críticos desde sua publicação, nos primeiros meses de 1898, feita inicialmente de forma serializada, em 12 edições da revista americana *Collier's Weekly* – o lançamento em livro aconteceu no mesmo ano, pelas editoras William Heinemann, em Londres, e Macmillan, em Nova York. Constitui um exemplo do gênero novela, definido como um formato curto demais para ser um romance e longo demais para ser um conto (aqui a citação aparece sem aspas. É citação, de fato?), em que Henry James foi bem-sucedido – com obras como

³ É importante observar que, em se tratando do mercado editorial brasileiro, existe uma linha muito tênue entre uma nova edição de uma obra, que deve se distinguir da anterior no conteúdo, de alguma forma, e uma mera reimpressão do mesmo conteúdo. No caso das diversas edições de TTOTS que coletei para esse estudo, porém, até onde pude observar, trata-se realmente de novas edições, já que havia modificações pelo menos no título. No entanto, como houve algumas edições que não consegui adquirir, é possível que haja casos de meras reimpressões entre as edições mencionadas; na falta de maiores informações, considerarei cada uma como nova edição para a análise aqui apresentada, com base nos dados levantados por Denise Bottman, a quem endereço meus agradecimentos.

⁴ Incluindo o tradutor de origem portuguesa, mas que atuou no Brasil, João Gaspar Simões, que produziu a décima tradução estudada aqui, publicada em 2015. Não foi possível obter essa informação, mas acredito que a editora seja responsável pelo texto em português brasileiro fluente publicado sob o nome do famoso expatriado português. Assim, a tradução é de autoria de João Gaspar Simões, mas muito provavelmente passou por um processo de edição para chegar à forma vernacular brasileira apresentada ao mercado em 2015.

Daisy Miller (“Daisy Miller”, 1879), *The Aspern Papers* (“Os papéis de Aspern”, 1888) e *The Beast in the Jungle* (“A fera na selva”, 1903). Desde o início fez enorme sucesso de público e crítica e, juntamente com o próprio *Daisy Miller* e os romances *Portrait of a Lady* (“Retrato de uma senhora”, 1881) e *The Ambassadors* (“Os embaixadores”, 1903), foi um dos maiores triunfos literários de James⁵, mas talvez também seu trabalho mais controverso e enigmático. O pronunciado interesse despertado pela obra, tradicionalmente classificada como pertencente ao gênero ficção gótica, deve-se, entre outras razões, principalmente à grande ambiguidade do texto (YEAZELL, 1994; ESCH e WARREN, 1999; GUTMAN, 2005; BROMWICH, 2011; KIMMEL, 2011), na medida em que o autor se esmera em revestir de mistério a natureza do mal que permeia a trama. A narradora – cujas ações sugerem extraordinária capacidade de contato com o sobrenatural ou avançado estado de esquizofrenia – é o vetor através do qual o autor manifesta sua habilidade em criar suspense e suscitar dúvida.

O poder da história sobre a imaginação dos leitores está em sugerir tanto, dizendo tão pouco. Característico do estilo tardio de James, em que a ação cede lugar à caracterização dos estados psicológicos dos personagens, o enredo não poderia ser mais simples: uma jovem é contratada por um cavalheiro solteiro para trabalhar como preceptora de seus sobrinhos órfãos, Miles e Flora, duas crianças encantadoras, em Bly, uma velha mansão no interior da Inglaterra. Pouco após sua chegada, o jovem Miles, que estava na escola, é expulso e retorna para Bly, fato que causa perplexidade à preceptora. Não muito depois, a jovem professora começa a ter encontros com os espectros de dois ex-empregados da casa, já falecidos, mas que eram, em vida, muito chegados às crianças. Trata-se de um valete do proprietário da casa, Peter Quint, e da antiga preceptora das crianças, Miss Jessel, que haviam tido uma relação amorosa ilícita para os padrões da época, dada a diferença de classe social, e morrido em circunstâncias pouco claras. O drama se acentua quando a preceptora, nunca nomeada na história, convence-se de que as crianças também veem os fantasmas, embora os pupilos jamais o admitam, e que os seres demoníacos desejam se apossar das almas inocentes de Miles e Flora. Determinada a salvá-los, a preceptora envia Flora a Londres com a governanta da casa, Sra. Grose, e permanece em Bly com Miles, com o objetivo de fazê-lo confessar a razão de sua expulsão da escola e, por meio dessa confissão, livrá-lo da influência de Quint. A história termina com a partida do espectro do falecido valete, seguida pela morte de Miles nos braços da preceptora.

Em *A arte do romance* (*The Art of Novel*), que reúne os prefácios para a “Edição de Nova York” de sua obra, Henry James refere-se a sua célebre novela como uma simples “amulette” – palavra francesa que significa “pequena diversão” - e declara ter apenas pretendido criar uma história de fantasmas pouco previsível, com um tom de “trágica, mas requintada perplexidade” (JAMES, 1909:172). Segundo o autor de “De Grey: A Romance” (1868), “The Ghostly Rental” (1876), “The Friend of the Friends” (1896), “Sir Ormund Orme” (1891), “The Great Good Place” (1900), “The Third Person” (1900), “Maude Evelyn” (1900), “The Private Life” (1892), “Owen Wingrave” (1892) “The Romance of Certain Old Clothes” (1868), e “Sir Dominique Ferraud” (1892), entre outros contos de cunho sobrenatural, seu desejo era criar “uma pura e simples peça de engenho, de frio cálculo artístico” baseada em uma história sobre fantasmas que lhe fora relatada anos antes. Na qualidade de artista refinado, James diz ter desejado fazer uma incursão pouco previsível em um gênero marcado pelo fantástico. O impacto que a novela teve sobre a crítica e o público, no mundo inteiro, estabelecem um abismo entre o que diz ter pretendido James e a importância alcançada pela pequena obra. História vitoriana de fantasmas, “amulette” desprezível, ou

⁵ “A narrativa mais popular de James” (“James’s most popular narrative”) DOUGHERTY, 2012: 90.

ousada incursão por temas como a homossexualidade, o incesto, e a pedofilia – de que realmente trata TTOTS? Cada leitor é convidado a dar sua resposta, e a crítica emitiu suas opiniões sobre a que é considerada uma das obras-primas de um mestre da ambiguidade na literatura (TREDY et al, 2013). A maestria artística do autor estaria manifestada, inicialmente, em sua capacidade de manter o leitor em suspense, não só durante a leitura, mas depois dela. O curto texto de TTOTS conclui-se muito antes de apagar-se, na mente do leitor, a impressão de terror.

A ambiguidade, que fundamenta e constitui a novela, estabelece-se a partir do título⁶. A metáfora do parafuso tem grande poder sugestivo no idioma original da novela. As expressões “Turn the screw” (“Dar uma volta no parafuso”), “Give the screw another turn” (“Dar outra volta no parafuso”) referem-se, em primeiro lugar, a um procedimento de tortura, em que se apertavam mais os parafusos dos instrumentos empregados para aumentar a agonia das vítimas. Metaforicamente, essas expressões passaram a representar o aumento da tensão em uma situação complicada; “dar outra volta no parafuso” corresponde a agravar uma circunstância que apresenta algum grau de dificuldade (PEN, 2005: 132). Além disso, a imagem do parafuso que gira dentro da porca é rica de simbologia sexual, referindo-se ao ato e aos órgãos sexuais masculino e feminino de maneira tão explícita quanto, na história, é grande a sutileza do autor ao referir-se ao relacionamento sexual dos dois espectros, Peter Quint e Miss Jessel, quando em vida. Dentro da própria história, o autor faz alusão à porca e ao parafuso ao descrever a cena em que

Ela [Flora] pegara um pequeno pedaço de madeira plana com um pequeno buraco, que evidentemente lhe dera a ideia de introduzir outro fragmento, que iria figurar como um mastro, e fazer da coisa um barco. Este segundo pedaço, enquanto eu observava, ela tentava dedicadamente fixar no lugar.” (Tradução nossa)⁷

Outro aspecto da “amulette” de James que contribui para a grande ambiguidade na sua interpretação é o enfoque subjetivo através do qual o autor nos apresenta a história. Todos os eventos nos chegam pelo enfoque da preceptora, e nem isso de forma direta, já que é através da leitura dos fatos narrados pela preceptora, por escrito, anos depois, que o enredo se apresenta aos ouvidos atentos dos amigos de Douglas, cavalheiro que conheceu a preceptora, há muito morta, e é detentor do manuscrito que relata os acontecimentos em Bly. Entre os ouvintes da história narrada por Douglas está também o dono da casa onde se passa a narração, que é quem reporta a história ao leitor. Ou seja: a história transita da memória da preceptora para o manuscrito, do manuscrito lido por Douglas à audiência de amigos, e do amigo e dono da casa para o leitor. James pareceu certificar-se de que o ponto de vista exclusivo da preceptora fosse sucessivamente questionado pelos leitores e pela crítica, na medida em que o longo percurso feito pela história enfraquece seu vínculo com a realidade e a torna passível de múltiplas interpretações (TREDY et al, ibidem; PEN, 2010: 14).

A própria figura da preceptora é rica em nuances que, consideradas de diferentes ângulos, podem levar a interpretações diversas sobre seu papel dentro da história. Da questão da sua sanidade mental, até sua relação com a sexualidade, todos os aspectos da personalidade da preceptora foram objeto de análise meticulosa, gerando uma fortuna crítica onde o que menos se vê é concordância. Segundo Lopes (2004: 06),

Essa preceptora é um dos personagens mais ambíguos de um escritor pródigo em ambiguidades. Deitou-se tinta a faltar sobre seu caráter

duvidoso e sobre sua condição de virgem vitoriana cheia de imaginação e frustração sexual em doses idênticas.

À maneira da Capitu de Machado de Assis, epítome da ambiguidade (esposa fiel, porém mal interpretada, ou esposa infiel e dissimulada?), a narradora jamesiana, cujo nome o autor não informa, tem torturado gerações de leitores e críticos, divididos entre a crença nos seus poderes mediúnicos e a afirmação de sua doença mental. Mais recentemente, certos críticos passaram a considerar irrelevante a questão da existência ou não dos fantasmas: ao fazer uso de uma estilística da ambiguidade (KIMMEL, 2011), James teria articulado sua narrativa de forma a não permitir a resolução desse impasse. De um autor cuja escrita é marcada pela duplicidade, seja no uso da intertextualidade, na caracterização dos personagens, e até mesmo na avaliação de sua própria obra e da produção de seus confrades (TREDY et al, *ibidem*) não se esperaria uma representação única, indisputada, da protagonista daquela que se tornaria uma das peças mais populares e representativas da escrita jamesiana.

3. Visões da crítica

Como acontece em relação à maior parte da fortuna crítica das grandes obras da literatura, o *modus operandi* adotado pelos críticos da novela de James é de caráter hermenêutico. Embora diferenciadas de acordo com a filiação teórica do crítico em questão, as análises de TTOTS compartilham o viés interpretativo, fundamentado nas impressões do estudioso, como é o caso de textos seminais sobre a novela de James, como os trabalhos de Heilman (1947), Jones (1959), Costello (1960), Cargill (1961), e Edel (1960, 1963). Tais impressões têm sido, desde o lançamento da novela, bastante diversas; pode-se mesmo dizer que TTOTS resiste à crítica, desafiando o trabalho dos seus analistas, em grande parte pela ambiguidade a que já nos referimos. Segundo Esch e Warren (1999: xi),

*(...): para os críticos, como para a preceptora, os personagens e eventos em torno dos quais a narrativa gira e gira novamente evocam um profundo mal-estar face a uma incerteza epistemológica tanto quanto ética, e conseqüentemente uma tendência a impor ordem e sentido únicos a uma linguagem que resiste fortemente a tais atos de força”.*⁸

Assim, não apenas os leitores, mas também os teóricos são engolfados pela obra e pelo grande movimento circular gerado por ela, sendo levados de um ponto de vista a outro e de volta ao início, sem nunca chegar ao fim da grande questão de qual seja a interpretação definitiva a se atribuir à obra. Não que isso seja necessário, ou mesmo desejável. Afinal, a intenção de James provavelmente era causar exatamente esse efeito: através de uma heroína que desperta no leitor sentimentos ambivalentes, construir uma narrativa que se fundamenta e se constitui pela ambiguidade e mantém, cem anos depois, o frescor de todo grande mistério.

Embora os teóricos de TTOTS classifiquem a fortuna crítica da obra de diversas formas, Esch e Warren (*ibid*) consideram que a crítica sobre a história pode ser dividida em três períodos: Período 1 - Reações Iniciais (“Early Reactions”), 1898-1921; Período 2 - Crítica Principal (“Major Criticism”), 1921-1970; e Período 3 - Crítica Recente

⁸ “(...) : for the critics, as for the governess, the characters and events around which the narrative turns, and turns again, evoke a profound unease in the face of epistemological as well as ethical uncertainty, and hence a tendency to impose univocal order and sense on language that strongly resists such acts of force”.

(“Recent Criticism”), 1970-presente. Com base na análise computacional de uma pequena coletânea de textos críticos sobre TTOTS elaborada pelos autores supracitados, busquei perceber as tendências em cada uma dessas fases da crítica de TTOTS, buscando traçar um painel dos posicionamentos interpretativos sobre a novela. Utilizei para tanto o pacote de ferramentas de análise linguística chamado WordSmith Tools (doravante WST). Assim, proponho uma metodologia de trabalho de caráter empírico para realizar uma breve análise de textos de natureza interpretativa, buscando unir as duas perspectivas e ampliar as possibilidades de estudo sobre TTOTS.

Nesse sentido, digitalizei os três conjuntos de textos críticos relativos a cada um dos períodos acima mencionados, retirados de Esch e Warren (ibidem: 149-262), gerando três arquivos no formato .txt – arquivos de texto editável⁹. Em seguida, utilizei a ferramenta WordList do pacote WST para obter as listas de palavras de cada um dos três arquivos, ou seja, três documentos contendo todas as palavras de cada arquivo arroladas por ordem de frequência de ocorrência em cada arquivo respectivo. As três listas de palavras foram, então, comparadas à lista de palavras obtida a partir de um corpus de referência de língua geral, isto é, um conjunto de grande extensão de textos sobre os mais diversos assuntos no idioma em questão, a língua inglesa. O objetivo dessa busca foi a obtenção das palavras-chave de cada arquivo, as palavras estatisticamente relevantes pela frequência de ocorrência em um determinado arquivo em comparação ao corpus de referência. Dentro da suíte WST, a ferramenta que realiza essa análise é chamada KeyWords, e a lista de palavras do corpus de referência empregado foi o a lista do *British National Corpus* (BNC), corpus de língua inglesa escrita e falada com mais de 100 milhões de palavras, disponível em <http://www.natcorp.ox.ac.uk> (o corpus completo).

Da análise acima resultaram três listas de palavras-chave, relativas a cada um dos períodos em que Esch e Warren (ibid) dividem a fortuna crítica sobre TTOTS (Anexos II a IV), cujo estudo permite tirar certas conclusões, ainda que preliminares, dado o pequeno tamanho do corpus analisado, sobre as tendências apresentadas pela crítica de TTOTS em cada uma das fases mencionadas.

A lista de palavras-chave referente ao Período 1 - Reações Iniciais (“Early Reactions”), 1898-1921 é bem curta, refletindo o tamanho do arquivo correspondente. As palavras chave que mais chamam atenção são “ghosts” (fantasmas), “evil” (o mal), “tale” (história, conto ou fábula), “beautiful” (belo), “horrible” (horrível), “repulsive” (repulsivo), “perfection” (perfeição) e “beauty” (beleza). Tais palavras-chave sugerem que a crítica, nesse primeiro período, embora dividida entre o reconhecimento da beleza da obra e da sofisticação artística alcançada por James em sua pequena obra e a repulsa pela temática ali tratada (o mal), não parece fazer de TTOTS outras leituras que a de uma mera história de fantasmas.

No período seguinte, Crítica Principal (“Major Criticism”), 1921-1970, no entanto, à medida que a novela de James vai ganhando notoriedade, os críticos de TTOTS começam a ampliar o alcance das interpretações da história, para muito além da noveleta gótica que o próprio autor declarou ter desejado criar. Algumas palavras-chave relevantes nesse segundo momento, e que não ocorreram no primeiro, são “Freudian” (Freudiano), “apparitions” (aparições), “master” (mestre, senhor), “insanity” (insanidade), “hallucinations” (alucinações), “woman” (mulher), “specters” (espectros), “conscience” (consciência), “hypothesis” (hipótese), “insane” (insano), “presences” (presenças), “motive” (motivação), “behavior”(comportamento), “damnation” (danação), “heroine” (heroína), “ambiguity” (ambiguidade), e “imagination” (imaginação). Inicia-se, nesse período, a tradição de leituras freudianas de TTOTS,

⁹ As ferramentas do pacote WST apenas processam textos nesse formato.

segundo as quais as aparições, as presenças, os espectros não são meramente fantasmas, como sugeria a leitura inicial da história, mas alucinações criadas pela imaginação da preceptora, referida aqui pelos críticos no seu papel de mulher, portanto passível de desejos sexuais reprimidos, dada sua condição social e as regras da moral vitoriana. Nesse momento, a ambiguidade estrutural que permeia a história e que é percebida pelos críticos permite levantar a questão de qual danação a preceptora teme, na verdade: a das crianças ou a sua própria, levada por fantasias sensuais envolvendo seu empregador, cavalheiro por quem ela fica fortemente impressionada e que faz uso de seu charme para convencê-la a aceitar o posto de preceptora, logo no início da novela. Tão ambígua quanto toda a história, o comportamento da preceptora pode ser interpretado tanto como heroico, no caso dos fantasmas serem reais, como insano, na hipótese, aparentemente dominante nesse período entre os críticos, de suas ações serem pautadas por uma consciência perturbada e por motivações menos nobres, que dizem respeito à maneira como se conduz com as crianças, especialmente o pequeno Miles, com quem, por vezes, parece querer ter relações amorosas de natureza nada infantil.¹⁰

O terceiro período do trabalho crítico de TTOTS aqui analisado (Crítica Recente “Recent Criticism”, 1970-presente) apresenta o que considero o aprofundamento da discussão iniciada no período anterior: qual o estado de saúde mental da preceptora? Os fantasmas são reais ou são criação de sua consciência perturbada por desejos reprimidos e inconfessáveis para uma dama vitoriana? Por outro lado, alguns críticos parecem tender a uma volta ao período inicial, rejeitando a leitura psicanalítica da novela e aceitando-a como a mera “amulette” gótica. Assim, encontra-se numerosas palavras-chave alinhadas com a visão freudiana da história, diversas delas já mencionadas acima: “mad” e “madness” (louco e loucura), “Freudian” e “Freud” (freudiano e Freud), “psycho”, “psychoanalytic(al)”, “psychoanalysis” e “psychoanalyst” (psicopata, psicanalítico, psicanálise e psicanalista), “sexual” e “sexuality” (sexual e sexualidade), “Lacan” (Lacan), “hysteria” e “hysterical” (histeria e histérico), “primal” (primal), “unconscious” (inconsciente), “Oedipus” (Édipo), “neurosis” (neurose), “behavior” (comportamento), “castration” (castração), “hallucinations” (alucinações), “conflict” (conflito), “virtue” (virtude), “repression” e “represses” (repressão e reprime), “desire” (desejo), “debauchery” (devassidão), “anxiety” (ansiedade), “intimacy” (intimidade), “satisfaction” (satisfação), “transgression” (transgressão) e “phantasy” (fantasia). Ao mesmo tempo, porém, observa-se a presença de termos como “literal”, “literality” e “literalization” (literal, literalidade e literalização), “uncanny” (sinistro), “fantastic” (fantástico), “demystify”, “demystifier”, “demystification” e “mystifying” (desmistificar, desmistificador, desmistificação e mistificação), “evil” (o mal), “presuppositions” (pressuposições) e “imagination” (imaginação), que parecem apontar para uma leitura literal da novela, uma proposta de desmistificar a interpretação de TTOTS, afastando-a das muitas pressuposições da leitura psicanalítica em favor de uma compreensão da história como literatura fantástica, um conto sinistro sobre o mal que se manifesta em uma velha mansão no interior da Inglaterra.

Pode-se, portanto, resumir o que foi discutido acima em termos de duas tendências de leitura de TTOTS apontadas pela crítica, e que se manifestam em períodos diferentes:

1. interpretação literal – TTOTS como uma história de fantasmas no melhor

¹⁰ Além dos diversos trechos do texto em que a dubiedade da relação entre a preceptora e Miles se evidenciam, temos, na versão cinematográfica de 1961 (*The Innocents*), a cena da morte de Miles nos braços da preceptora, enquanto esta o beija na boca, o que reflete a leitura, por parte do cineasta, das relações entre a protagonista e seu jovem aluno, como sugeridas pelo texto.

estilo gótico, e a preceptora como heroína que tenta proteger duas crianças inocentes de entidades malignas que pretendem corrompê-las e finalmente apossar-se de suas almas inocentes; coincide com a corrente crítica de TTOTS tradicionalmente referido como “aparicionista” (*apparitionist*), reunindo críticos como Edmund Wilson, Edna Kenton e Oscar Cargill (SIOTA, 2010: 207-211), para os quais as aparições em Bly são reais e justificam as ações da protagonista;

2. interpretação freudiana – TTOTS como a história de como uma preceptora é movida por seus desejos sexuais reprimidos a ponto de ter alucinações em que vê fantasmas que assombram a casa, terminando por aterrorizar as crianças sob seus cuidados e possivelmente causando a morte de uma delas; corresponde à vertente da crítica denominada “não-aparicionista” (*non-apparitionist*),¹¹ da qual fazem parte Edmund Wilson, Robert Heilman e Charles Hoffman (SIOTA, *ibid*), segundo a qual a justificativa para as atitudes tomadas pela preceptora não é do domínio do sobrenatural, mas na esfera do (a) (falta de) equilíbrio psíquico da personagem.¹²

A distribuição dessas possibilidades de leitura de TTOTS, em termos dos três períodos da crítica a que nos referimos anteriormente, poderia ser representada da seguinte maneira:

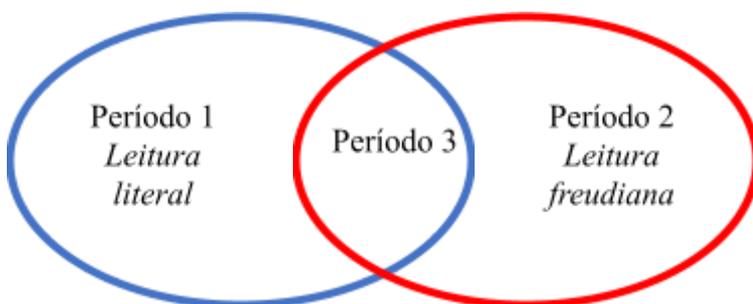


Figura 1 – Relação entre os períodos da crítica de TTOTS Segundo James (1999) e as interpretações da novela.
Fonte: a autora

É importante ressaltar que, no Brasil, país de forte influência da religião espírita, uma terceira leitura tem se manifestado, resultando mesmo em uma tradução de cunho espírita de TTOTS por Wallace Leal Rodrigues, publicada em 1980 e que se opõe frontalmente à leitura freudiana de TTOTS¹³. Dentro dessa linha de interpretação, a preceptora seria uma médium poderosa, capaz de perceber a presença de dois espíritos desencarnados que permaneceram na casa e obsediavam as duas crianças que lá habitavam, procurando corrompê-las. Trata-se de uma pequena variação da leitura literal, a interpretação de TTOTS como história de fantasmas, na medida em que permanecem os seres malignos e desencarnados e a preceptora como heroína defensora das crianças. O que muda é a natureza do mal que permeia a história. Os fantasmas, na literatura e cultura popular, igualmente, são, por definição, seres malignos; os espíritos desencarnados, segundo o espiritismo, podem se comportar de forma maligna ou não, conforme seu nível de evolução espiritual. Os espíritos desencarnados de TTOTS, ao

¹¹ Ou vertente psicanalítica, como nomeada por alguns teóricos (STEENSLAND, 2013: 457).

¹² Alguns críticos dessa vertente, por outro lado, atribuem ao próprio James e não à sua protagonista as questões sexuais não saudavelmente resolvidas que estariam na origem dos fenômenos de Bly; há mesmo a hipótese de que as leituras freudianas sejam reflexo da psique do leitor, que seria o *locus* das interpretações psicanalíticas da novela (WILLIAMSON, 2014: 322-324).

¹³ O tradutor inicia seu prefácio afirmando: “Finalmente este livro vai para onde, desde há muito tempo, deveria estar: as estantes espíritas” e afirma que foi “de imediato e apressadamente classificada como uma obra pré-freudiana. Nada mais inexato mesmo que lembrassem – mais propriamente – de Carl Jung”. (RODRIGUES, 1980: I).

buscarem manter contato e corromper duas crianças que haviam conhecido quando encarnados, comportam-se de maneira nociva, demonstrando baixo nível de elevação espiritual e aproximando-se da definição tradicional de fantasmas; não são, eles mesmos, maus, segundo o espiritismo, já que essa crença prega que somos todos criados para o bem; o que é mau é seu comportamento. Observa-se que o efeito é o mesmo, apenas a interpretação da natureza do mal varia nas duas leituras.

4. As traduções brasileiras de *The Turn of the Screw*

Apesar de sua importância na cena literária anglófona e mundial, a obra de James não tem de imediato grande ressonância em terras brasileiras, a julgar pela publicação tardia de versões traduzidas dos célebres contos, romances, volumes de crítica e demais publicações do autor. A obra de Machado de Assis pode ser parte da explicação: a renovação estética do conto e do romance em língua inglesa trazidos pela obra de James já haviam encontrado seu introdutor em português do Brasil, na pessoa de Machado, esvaziando a produção jamesiana de uma significativa parcela de seu interesse. Quaisquer que sejam os motivos, os leitores brasileiros de James o leram no original, ou em traduções para outras línguas, como o francês e o espanhol, até meados do século passado, e quase quarenta anos transcorreram entre a morte do autor e a publicação da primeira tradução de sua obra em nosso país. Considerando o emprego da linguagem pelo autor, marcado pela complexidade lexical e sintática, é provável que o público leitor de James no Brasil tenha se mantido limitado até o surgimento das primeiras versões de sua obra em língua portuguesa.

Nas seções a seguir, são apresentados uma cronologia das traduções de TTOTS para o português brasileiro, a distribuição das edições traduzidas ao longo do tempo e os tradutores na novela para o vernáculo, bem como um breve estudo comparativo das traduções brasileiras de TTOTS.

4.1. Cronologia, distribuição das edições brasileiras e dos tradutores de *The Turn of the Screw* para o português brasileiro

No Brasil, a carreira editorial de Henry James inicia-se em 1945¹⁴, com a publicação do conto “Four meetings”, “Quatro encontros”, em tradução de Vinícius de Moraes (coleção “Contos do mundo”, volume 3, *Os norte-americanos: antigos e modernos*, editora Leitura). O primeiro romance, *Washington Square*, com o título *A herdeira*, sai 10 anos depois. Mais onze anos se passam até a publicação da primeira tradução brasileira de TTOTS, pela Civilização Brasileira, com tradução de Brenno Silveira – uma distância cronológica de mais de 6 décadas em relação ao lançamento da novela original (BOTTMANN, 2015: 245-246).

A autora, em seu levantamento sobre as traduções de Henry James no Brasil, oferece um panorama cronológico das edições das obras de James, a partir do qual elaboramos o quadro do ANEXO I (cf. página 231). Neste levantamento, temos um total de 47 títulos do autor publicados em português brasileiro, entre contos, romances e ensaios (excluindo-se TTOTS). Considerando a enorme extensão da obra de James, esse número não é expressivo; menos ainda se considerarmos que apenas 18 desses títulos

¹⁴ Todas as informações referentes a edições e reimpressões contidas na seção a seguir baseiam-se no que foi declarado pelas editoras em questão. Sabemos que muitas vezes essas informações não são fidedignas; no entanto, na falta de dados confiáveis, empregarei as informações obtidas para esta análise, dispondo-me a rever meus resultados a qualquer momento caso novos dados sejam disponibilizados sobre as edições brasileiras de TTOTS.

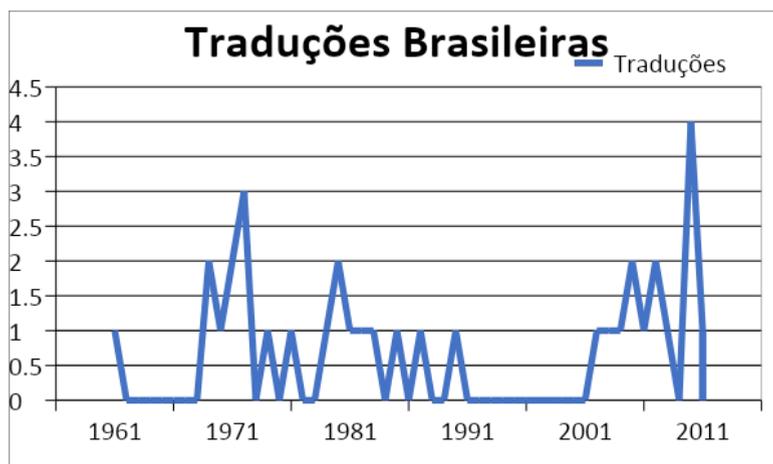


Figura 3: Distribuição das edições brasileiras de TTOTS por ano (1961-2015)

Fonte: a autora

Podemos observar um hiato de 8 anos entre a primeira edição e a segunda, seguido de um período de mais de vinte anos, entre 1969 e 1990, em que a cada dois anos, em média, pelo menos uma nova edição da novela entrou no mercado editorial. Entre 1991 e 2001 não houve nenhum novo lançamento, ao que se seguiu um período de renovado interesse pela obra, que se estende até hoje. Os períodos de maior regularidade nas edições correspondem aos intervalos entre 1969 a 1972, 1979 a 1983 e, principalmente, 2002 a 2008, com queda em 2009 e um pico em 2010, em que quatro editoras diferentes lançaram suas versões de TTOTS, a maior quantidade de publicações em um mesmo ano na história das traduções da novela em terras brasileiras.

Como veremos em mais detalhes a seguir, os tradutores de TTOTS para o português brasileiro são dez, conforme a lista a seguir:

- | | |
|---------------------------|---------------------------|
| 1. Brenno Silveira | 6. Luciano Alves Meira |
| 2. Olívia Krähenbühl | 7. Guilherme Silva Braga |
| 3. Wallace Leal Rodrigues | 8. Marcos Maffei |
| 4. Chico Lopes | 9. Paulo Henriques Britto |
| 5. Marcelo Pen | 10. João Gaspar Simões |

Organizando as edições de TTOTS em função das diferentes traduções e tradutores da obra para o português brasileiro, temos a seguinte distribuição:

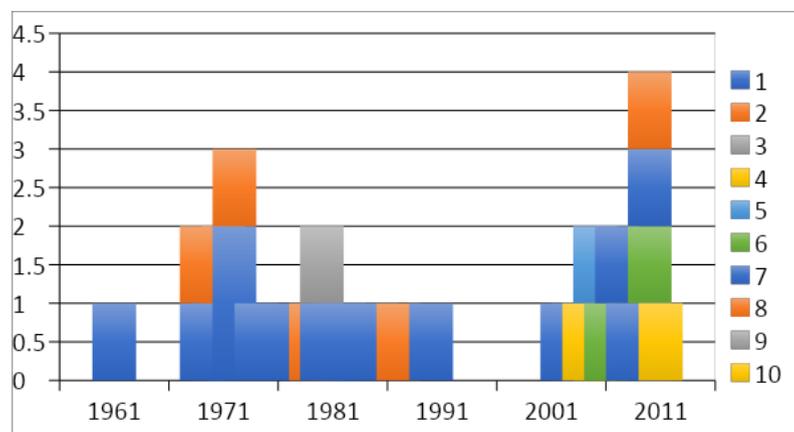


Figura 4 – Distribuição cronológica das 10 traduções brasileiras de TTOTS

Fonte: a autora

A tradução mais publicada, licenciada por quatro editoras diferentes com três títulos diversos, e por vezes pareada em um mesmo volume com outra obra, como veremos no quadro a seguir, é, de longe, a tradução 1 (doravante T1), de Brenno Silveira – 17 edições, duas no mesmo ano, por editoras diferentes (1972). Em seguida, em quantidade de edições, temos a tradução 2 (doravante T2), de Olívia Krähenbühl, com 5 lançamentos; no entanto, ao contrário de T1, cujas edições cobrem um período extenso, de 1961 a 2010, T2 fica circunscrita a um intervalo significativamente menor, de 1969 a 1987, e não apresenta nenhuma reedição após a década de 1980.¹⁷ As traduções 6 e 7 (doravante T6 e T7) foram editadas três vezes cada, pela mesma editora original; a tradução 4 (T4), duas vezes, pela mesma editora. As demais versões de TTOTS foram publicadas apenas uma vez, perfazendo um total de 35 edições, conforme mencionado anteriormente.

O quadro abaixo apresenta de forma mais detalhada a cronologia das versões brasileiras, com observações a respeito do título da novela. Como informação adicional, o quadro inclui as adaptações infanto-juvenis da novela, com seus respectivos autores; essas adaptações, porém, não foram incluídas no corpus do presente estudo.

Ano (s)	Editora	Título	Tradutor	Observações
1961, 1969, 1972	Civilização Brasileira	<i>Outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira	---
1970, 1971, 1972, 1974, 1976	Abril Cultural	<i>Lady Barberina e Outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira	<i>Lady Barberina</i> por Leônidas Gontijo de Carvalho
1980, 1981, 1982, 1983	Abril Cultural	<i>Lady Barberina e A outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira	“A” adicionado no título anterior <i>Lady Barberina</i> por Leônidas Gontijo de Carvalho
1985, 1990	Círculo do Livro	<i>Outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira	“A” retirado do título anterior
2002, 2003	Nova Cultural	<i>Lady Barberina e A outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira	“A” adicionado no título anterior <i>Lady Barberina</i> por Leônidas Gontijo de Carvalho
2010	Clássicos Abril	<i>Outra volta do parafuso</i>	Brenno Silveira	“A” retirado do título anterior
1969	Ediouro (Tecnoprint)	<i>A volta do parafuso</i>	Olívia Krähenbühl	Novo título
1971, 1972	Clube do Livro	<i>A volta do parafuso</i>	Olívia Krähenbühl	---

¹⁷ Denise Bottman (2015) menciona a existência de uma edição pela editora Cultrix da tradução de Olívia Krähenbühl, que seria anterior ao primeiro lançamento da tradução de Brenno Silveira; no entanto, não conseguindo localizar essa edição, resolvi desconsiderá-la e tomar T1 como a primeira tradução de TTOTS em português brasileiro.

1979	Clube do Livro	<i>Os inocentes</i>	Olívia Krähenbühl	Novo título
1987	Clube do Livro	<i>A volta do parafuso</i>	Olívia Krähenbühl	Volta título anterior
1972	Ediouro	<i>Os inocentes</i>	Marques Rebêlo	Adaptação infanto-juvenil, Coleção “Elefante
1980	O Clarim	Os inocentes	Wallace Leal Rodrigues	---
1987	Scipione	<i>Os inocentes – A volta do parafuso</i>	Cláudia Lopes	<i>A volta do parafuso</i> como subtítulo Adaptação infanto-juvenil, Série “Reencontro”
2004, 2005	Landmark	<i>A volta do parafuso – edição bilíngue</i>	Chico Lopes	---
2005	Companhia das Letras	<i>A volta do parafuso</i>	Marcelo Pen	<i>A volta do parafuso</i> volta como título Incluída na coletânea <i>Contos de horror do século XIX</i>
2005, 2010	Rideel	<i>A volta do parafuso</i>	Ana Carolina Vieira Rodriguez	Adaptação infanto-juvenil Coleção “Aventuras Grandiosas”
2006, 2007, 2010	Martin Claret	<i>A volta do parafuso</i>	Luciano Alves Meira	---
2007, 2008, 2010	L&PM	<i>A volta do parafuso – seguido de Daisy Miller</i>	Guilherme Silva Braga	<i>Daisy Miller</i> por Henrique Guerra
2010	Hedra	<i>A volta do parafuso</i>	Marcos Maffei	---
2011	Penguin-Companhia	<i>A outra volta do parafuso</i>	Paulo Henriques Britto	Novo título
2011	Atual	<i>A volta do parafuso</i>	Nomes dos tradutores não informados.	Adaptação infanto-juvenil
2015	BestBolso	<i>A volta do parafuso</i>	João Gaspar Simões	---

Tabela 1 – Cronologia das edições brasileiras
Fonte: Adaptado de BOTTMANN, 2015

Embora o presente estudo se limite às 10 traduções de TTOTS para o português brasileiro levantadas até o presente momento, fizemos menção, no quadro acima, às adaptações infanto-juvenis da obra por entender que, apesar de apresentar versões simplificadas da novela, desprovidas de maior valor literário, tais adaptações representam um importante testemunho da popularidade que TTOTS, motivando a

seleção deste título para compor o rol de “livros paradidáticos” ofertado pelas editoras aos estudantes. Conhecendo por experiência a preferência pelos clássicos nacionais nas listas de livros adotados pelas escolas, é salutar encontrar quatro edições infanto-juvenis de TTOTS nos catálogos de editoras do país, prova do reconhecimento da arte de Henry James por parte de editores, tradutores e autores de adaptações. Além disso, é através da leitura, muitas vezes obrigatória, dessas versões simplificadas que o leitor em formação tem contato pela primeira vez com autores que poderá mais tarde revisitar em traduções não-adaptadas ou mesmo no original. Gerações de professores de língua portuguesa e literatura têm considerado TTOTS como introdução adequada ao estudo da literatura americana e internacional, a julgar por adaptações como “Os inocentes”, por Cláudia Lopes, que tem tido reedições anuais ininterruptas, de 1987 a 2015 (BOTTMANN, *ibidem*: 248).

O quadro abaixo apresenta algumas informações sobre cada um dos dez tradutores de TTOTS:¹⁸

Tradutor	Informações sobre o tradutor
Brenno Silveira	Nascimento (local, data) – falecimento (local, data) – desconhecidos ¹⁹ Tradutor, professor, teórico da tradução Autores traduzidos: Morris West, F. Scott Fitzgerald, A. E. Hotchner, Franz Kafka, Vladimir Nabokov, Bertrand Russell, Dale Carnegie, Edgar Allan Poe
Olivia Krähenbühl	Nascimento (local, data) – falecimento (local, data) – desconhecidos Tradutora e crítica literária Autores traduzidos: Jack London, Herman Melville, Nathaniel Hawthorne, Conrad Aiken, Arnold Wiznitzer, Bertrand Canfield
Wallace Leal Valentin Rodrigues	Divisa (MG), 1924 – Matão (SP), 1988 Tradutor, ator e diretor de teatro, produtor, roteirista e diretor de cinema, escritor, jornalista, redator, divulgador da doutrina espírita Autores traduzidos: Allan Kardec e diversos autores espíritas
Marcelo Pen Parreira	São Paulo (SP), data – desconhecida – Tradutor, crítico literário e professor Autores traduzidos: E. M. Forster, Ray Bradbury
Chico Lopes	Novo Horizonte, 1952 – Tradutor, ficcionista, poeta, artista plástico, crítico literário e de cinema. Autores traduzidos: Nathanael Hawthorne, Bret Harte, Gregory Maguire, Max Allan Collins, Charlaine Harris, Michael Scott, Kenneth Opperl
Luciano Alves Meira	Nascimento (local, data) – desconhecido – Tradutor, consultor em administração de empresas, professor Autores traduzidos: Walt Whitman, Joseph Conrad, Thomas Bulfinch

¹⁸ Todos os dados informados na tabela abaixo foram levantados a partir de buscas em sites (entre eles, de sebos on-line), além de consultas pessoais a colegas e aos próprios tradutores. O resultado do levantamento em questão está, portanto, com certeza, incompleto, já que muitas vezes não tive acesso a fontes de informação mais balizadas, principalmente no que tange os tradutores já falecidos.

¹⁹ Até o fechamento da presente tese, não pude obter as informações marcadas como desconhecidas nesse quadro.

Guilherme da Silva Braga	Porto Alegre, 1981 – Tradutor e pesquisador em tradução literária Autores traduzidos: David Lagercrantz, Karl Ove Knausgård, Jack Kerouac, Conan Doyle, Anais Nīn, Emily Brontë, Joseph Conrad, Truman Capote, James Joyce, Gaute Heivoll, Edgar Allan Poe, H.P. Lovecraft, Franz Kafka, Gerard Jones, Dezső Kosztolányi, David Lodge, Viktoria Radics, Leopold Von Sacher-Masoch, Arthur Schnitzler, August Strindberg, Nathaniel Hawthorne, Hjalmar Söderberg, Åsa Larsson e Ingela Korsell, Åsa Foster, Catharina Ingelman-Sundberg, Tove Jansson, Nikolaj Frobenius, E. T. A. Hoffmann, F. Scott Fitzgerald, Géza Csáth e Chan Koonchung.
Marcos Maffei	São Paulo, 1959 – Tradutor, escritor e professor Autores traduzidos: Frances Hodgson Burnett, Mary Shelley, Edward Lear, Herman Melville
Paulo Henriques Britto	Rio de Janeiro, 1951 – Poeta, professor e tradutor Autores traduzidos: William Faulkner, Elizabeth Bishop, Byron, John Updike, Thomas Pynchon, Charles Dickens
João Gaspar Simões	Figueira da Foz (Portugal), 1903 – Lisboa (Portugal), 1987 Novelista, dramaturgo, biógrafo, historiador da literatura portuguesa, ensaísta, memorialista, crítico literário, editor e tradutor Autores traduzidos: Charlotte Brontë, D. H. Lawrence, Shakespeare, Katherine Mansfield, William Beckford, Thomas Mann, Daniel Defoe, Tolstói, Tchekov, Dostoiévski

Tabela 2 – Os dez tradutores de TTOTS para o português brasileiro
Fonte: a autora

Os dez profissionais responsáveis pelas traduções brasileiras de TTOTS formam, como se pode observar no quadro acima, um grupo heterogêneo. Há tradutores respeitados, já falecidos, como Brenno Silveira e Olívia Krähenbühl, e nomes como Marcelo Pen e Paulo Henriques Britto, ainda vivos e no auge da atividade tradutória e com reputação consolidada. Há profissionais que mesclam a atividade de tradutor com a atuação em áreas completamente diversas, como Luciano Alves Meira e Chico Lopes; outros atuam exclusivamente como tradutores, como Guilherme da Silva Braga, que está no processo de firmar seu nome dentro da área, e Marcos Maffei. Há quem tenha visto no texto de TTOTS uma temática que lhe interessava e que lhe motivou a traduzir a novela, como Wallace Leal Rodrigues. Há um estrangeiro que, vivendo exilado no Brasil durante a ditadura salazarista, dedicou-se à tradução, como é o caso de João Gaspar Simões. Trata-se realmente de um conjunto bastante diverso de pessoas unidas apenas pelo amor à atividade de tradutor e interesse pela novela de Henry James.

4.2. Breve análise comparativa das traduções brasileiras com auxílio da Linguística de Corpus

A partir da compilação de pelo menos um exemplar de cada uma das dez traduções de TTOTS para o português brasileiro, empreendi uma breve análise comparativa dos textos traduzidos entre si, e das traduções em relação ao texto de

partida, em casos onde tal comparação mostrou-se relevante. Utilizei, para tanto, uma edição de cada uma das traduções, conforme o quadro a seguir:

Número da Tradução	Tradutor	Nome	Editora	Ano
1	Brenno Silveira	Outra volta do parafuso	Civilização Brasileira	1961
2	Olívia Krähenbühl	Os inocentes	Clube do Livro	1979
3	Wallace Leal Rodrigues	Os inocentes	O Clarim	1980
4	Chico Lopes	A volta do parafuso ²⁰	Landmark	2004
5	Marcelo Pen	A volta do parafuso ²¹	Companhia das Letras	2005
6	Luciano Alves Meira	A volta do parafuso	Martin Claret	2006
7	Guilherme Silva Braga	A volta do parafuso ²²	L&PM	2007
8	Marcos Maffei	A volta do parafuso	Hedra	2010
9	Paulo Henriques Brito	A outra volta do parafuso	Penguin-Companhia	2011
10	João Gaspar Simões	A volta do parafuso	Best Bolso	2015

Tabela 3 – Edições das traduções de TTOTS empregadas no estudo comparativo
Fonte: a autora

Os dez volumes arrolados acima foram digitalizados e salvos em arquivos no formato .txt, para permitir sua análise através de software de análise linguística. Para o presente estudo, como já mencionado anteriormente, foi adotado o pacote de ferramentas WordSmith Tools versão 6.0 (SCOTT, 2013), doravante WST, largamente utilizado em pesquisas baseadas em corpora linguísticos, em diversas áreas de investigação, especialmente Lexicologia/Lexicografia e Terminologia/Terminografia, mas também Ensino de Idiomas e Tradução. O emprego desse tipo de ferramenta permite a análise de grandes quantidades de dados linguísticos em curtíssimos períodos de tempo, além de fornecer resultados que, por serem obtidos por processamento computacional, apresentam grau de correção próximo do absoluto.

Com o auxílio desse conjunto de ferramentas, foi efetuada uma primeira análise, que forneceu uma visão da extensão textual e da variedade lexical empregada por James e pelo autor de cada tradução aqui estudada. Através da ferramenta *WordList*, obtive listagens individuais de todos os vocábulos presentes em cada texto organizados por frequência ou por ordem alfabética, acompanhados de estatísticas sobre cada texto, como mostra o quadro abaixo (o número de páginas é adição minha, não informado pelo WST).

A ferramenta expõe os resultados em ordem de frequência, em ordem alfabética, apresenta ainda as estatísticas de cada texto, em uma aba separada. partir dessas

²⁰ Edição bilingue.

²¹ Capítulo da coletânea *Contos de horror do século XIX* (JAMES, 2006).

²² Juntamente com *Daisy Miller*, por Henrique Guerra.

estatísticas, elaboramos um quadro que resume as principais informações a respeito de cada um dos textos em estudo, após a elaboração das *wordlists* relativas a cada um:

Texto/ Tradução	Número de páginas²³	Número total de palavras (tokens)	Número de palavras diferentes (types)²⁴	Razão type/token (TTR)
Texto de partida	147	42.824	4.497	10,50
T1	142	42.027	5.957	14,17
T2	149	40.326	6.913	17,24
T3	169	41.838	6.143	14,68
T4	151	41.378	6.253	15,11
T5	107	41.291	6.699	16,22
T6	133	42.703	6.321	14,80
T7	135	40.721	6.033	14,82
T8	133	59.843	5.867	9,80
T9	153	42.647	5.985	14,03
T10	180	41.603	6.033	14,50

Tabela 4 – TTOTS e suas traduções – *types*, *tokens*, razão *type/token* (TTR)

Fonte: a autora

Podemos observar que, embora o número de páginas de cada texto traduzido varie bastante (min=107, max=169, variação de 57,9%), o número total de palavras, que é o que informa sobre a extensão de um texto, varia consideravelmente menos (min= 40.326, max= 59.843, variação de 40,4%), ficando em torno do número de palavras do texto de partida, com diferença aproximada entre cem e duas mil e quinhentas palavras para menos (variação máxima de -5,8%), excetuando-se a tradução 8 (doravante T8), que apresenta um número singularmente alto de palavras (mais de dezessete mil palavras a mais que o texto de partida, variação de 39,7% para mais). Não levando-se aquela em consideração, a variação fica ainda mais reduzida (min= 40.326, max= 42.703, variação de 5,9%). Ou seja: a maioria dos textos traduzidos estudados tem extensão bastante semelhante entre si e levemente inferior ao texto de partida, com exceção de TC, de extensão minimamente superior, e de T8.

Não há, portanto, pelo menos no que tange a extensão textual, traços que indiquem fortemente a presença de simplificação ou de explicitação, universais tradutórios propostos por Baker (1993) e que implicam, no caso da simplificação, no uso frases mais curtas e períodos mais simples, resultando em textos mais enxutos, e no inverso, no caso da explicitação. Apenas T8 pode ser considerada um exemplo claro da presença desse último processo, enquanto as demais traduções tem extensão demasiado semelhante ao texto de partida para permitir um diagnóstico de simplificação. Visualmente, o gráfico a seguir ilustra a variação na extensão do texto de partida e das traduções estudadas:

²³ Referentes às edições empregadas para o presente estudo, conforme relacionadas acima.

²⁴ Nos casos em que ocorreram *types* numéricos ou não alfabéticos, esses foram desconsiderados na elaboração na presente tabela, inclusive no cálculo da razão *type/token*. Assim, os valores aqui listados apresentam pequena discrepância em relação aos valores apresentados nas estatísticas da ferramenta *WordList*.

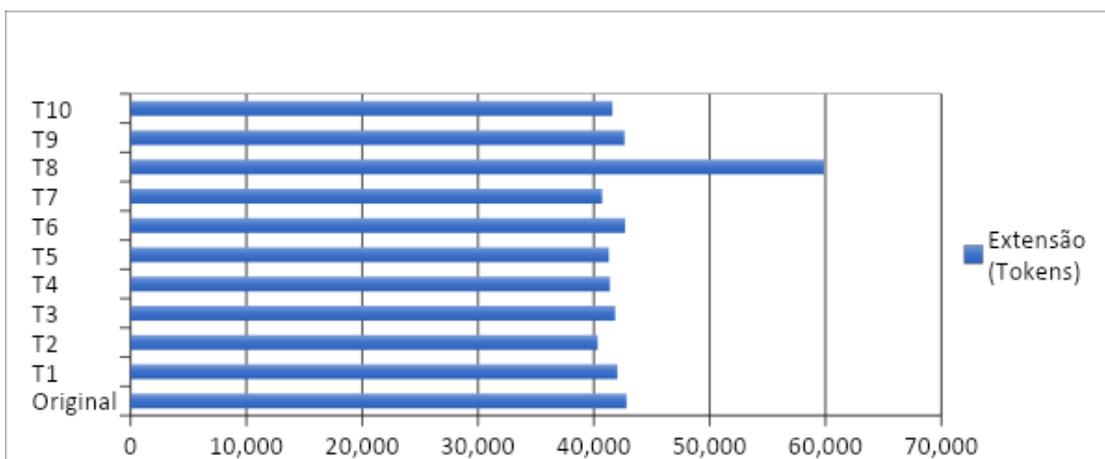


Figura 5 – Comparativo da extensão (número de *tokens*) dos textos em estudo
 Fonte: a autora

Outro dado que muito se relaciona aos universais da tradução é a variedade lexical. No que diz respeito a ela, nos interessa o número de *types* (palavras diferentes) de cada texto e, principalmente, a razão *type/token* (*type/token ratio* ou TTR). Esse valor é obtido dividindo-se o número de *types* pelo número de *tokens*, multiplicando-se o resultado por 100 para ter o resultado em termos de porcentagem. Assim, o texto de James tem uma TTR de 10,50, o que significa que 10,5% das palavras no texto não se repetem, enquanto o restante (89,5%) corresponde a palavras que são usadas no texto mais de uma vez. Quanto maior o valor da TTR, maior a variação lexical em um texto, e menor o uso repetido de itens lexicais, portanto; quanto mais alta a TTR, menor a repetição dos mesmos *types* (SARDINHA, 2009: 162). Curiosamente, e contrariando a impressão deixada pela análise da extensão textual, apenas T8 apresenta TTR menor que a do texto de partida, sugerindo um possível caso de simplificação, conforme a terminologia de Baker; todas as demais traduções apresentam variação lexical superior, o que é considerado indício da presença do universal tradutório da explicitação.

Texto/ Tradução	Razão <i>type/token</i> (TTR)
Texto de partida	10,50
T1	14,17
T2	17,24
T3	14,68

T4	15,11
T5	16,22
T6	14,80
T7	14,82
T8	9,80
T9	14,03
T10	14,50

Tabela 5 – TTOTS e suas traduções – razão *type/token* (TTR)
 Fonte: a autora

No entanto, é muito importante notar que o uso de TTR como critério de comparação entre textos de línguas diferentes deve ser feito com cuidado; no caso do português, por exemplo, cada forma conjugada de um verbo conta como um *type*, aumentando o valor da TTR em comparação com o mesmo texto em inglês, onde a conjugação verbal não tem um número expressivo de formas diferentes (SARDINHA, *ibidem*: 58, 62). Assim, pequenas variações na TTR, como é o do texto de James e as traduções analisadas, não podem ser consideradas um indicativo preciso de maior ou menor riqueza lexical. Para que essa comparação pudesse ser feita de forma rigorosa, os

textos teriam de passar previamente pelo processo de lematização, permitindo a contagem dos lemas²⁵, e não de cada palavra individualmente, o que ultrapassa os objetivos desta análise comparativa. Por exemplo, após a lematização, o texto de Henry James apresenta o mesmo número de *tokens*, mas 15 *types* a menos, resultando em uma razão *type/token* apenas ligeiramente menor (TTR = 10,47).²⁶ Os textos traduzidos, caso lematizados, também apresentariam TTRs menores, aproximando-se mais do valor de TTR do texto de partida e reduzindo ainda mais a já pequena diferença entre as TTR do texto de partida e traduções, tornando menos clara, por consequência, a presença do universal tradutório da explicitação. Entre textos no mesmo idioma, no entanto, a comparação entre TTRs pode ser feita de modo direto; podemos, por conseguinte, afirmar que T2 apresenta a maior variedade lexical entre as traduções estudadas, um valor superior em 75,92% à TTR de T8 (TTR T2 = 17,24, TTR T8 = 9,80), ou seja, T2 contém $\frac{3}{4}$ vezes mais palavras diferentes (*types*) que T8. Excetuando-se, porém, esses dois extremos (T2 e T8), temos valores de TTR bem próximos entre os textos traduzidos. Apresento abaixo, visualmente, a variação da TTR entre o texto de partida e as traduções estudadas:

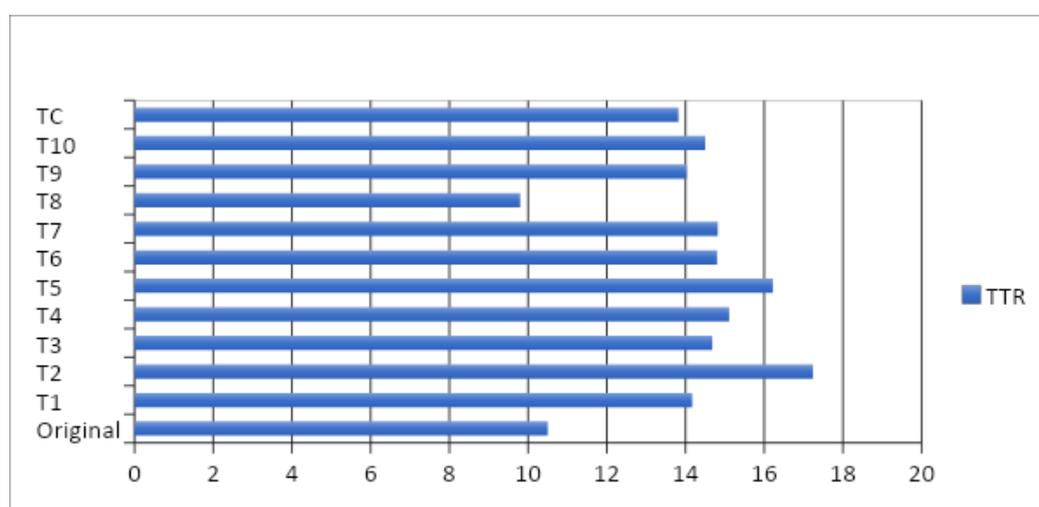


Figura 6 – Comparativo da TTR (razão *type/token*) dos textos em estudo
Fonte: a autora

Uma outra implicação do uso de frases mais curtas, por partes dos tradutores, é o aumento no número de períodos no texto traduzido em comparação ao texto de partida, o que é indício da presença do universal tradutório da simplificação. No caso de James, cujo estilo é marcado por períodos extremamente longos, por vezes alcançando a extensão de um parágrafo (e por parágrafos muitas vezes mais longos que uma página), é previsível um certo grau de simplificação na sintaxe por parte dos tradutores de suas obras. Vejamos o número de períodos no texto de partida e em cada uma das traduções aqui estudadas:

²⁵ Lema: “Forma gráfica de uma palavra que é usada como entrada de verbete em dicionários ou vocabulários (por exemplo, o lema da forma verbal *terá* é *ter*, o lema do adjetivo *má* é *mau*, o lema do substantivo *juízes* é *juiz*)”. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [online].

²⁶ Infelizmente, não dispomos, até a presente data, de uma *lemma list* (lista de lemas de uma determinada língua, em formato apropriado para ser usada em análises via software como o WST) adequada em língua portuguesa, o que nos impede de gerar listas lematizadas de palavras das traduções em estudo.

Texto/ Tradução	Número de períodos
Texto de partida	2.669
T1	2.781
T2	2.899
T3	2.789

T4	2.561
T5	2.715
T6	2.823
T7	2.737
T8	3.876
T9	2.705
T10	2.759

Tabela 6 – TTOTS e suas traduções – razão *type/token* (TTR)

Fonte: a autora

Visualmente, temos:

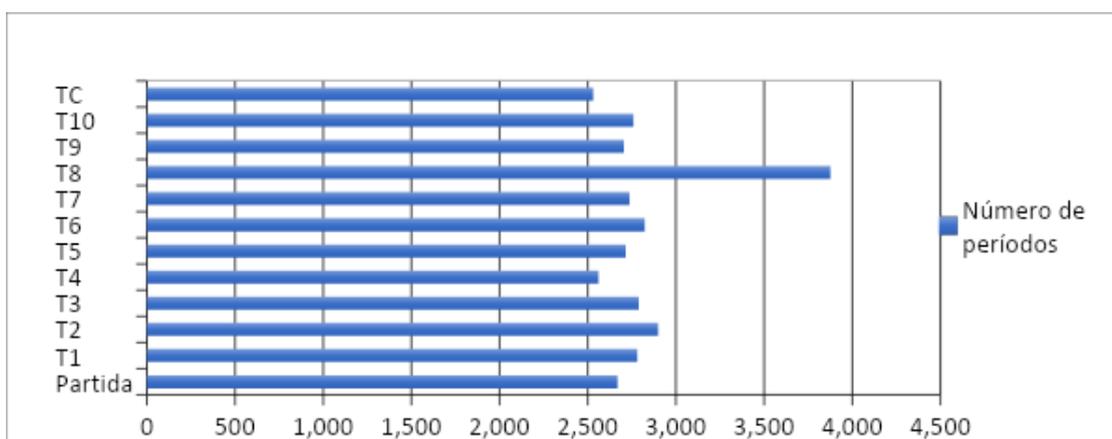


Figura 7 – Comparativo do número de períodos das traduções em estudo

Fonte: a autora

Observa-se que T8, que apresentava fortes sinais de simplificação na razão *type/token*, parece confirmar essa tendência ao apresentar número significativamente maior de períodos que o texto de partida e que todas as demais traduções (texto de partida = 2.669, T8 = 3876, variação para mais de 45,2%). As demais traduções apresentam números de períodos bastante semelhantes entre si e levemente superiores ao texto de partida, com exceção de T4, que tem 2.561 períodos, contra 2.669 do texto de partida (variação de 4% para menos), pequena demais para ser considerada indício de explicitação. Excetuando-se T8 e T4, temos uma variação geral de 8,2% (em relação ao texto de partida) e 7,2% entre si, números que apontam para a presença de um sutil processo de simplificação, insuficiente, porém, para sustentar uma conclusão definitiva nesse sentido.

No entanto, embora tenhamos tocado no tema dos universais tradutórios de Baker, não é nosso objetivo com esse breve estudo detectar a presença dessas características nas traduções estudadas. A menção dos universais buscou apenas ilustrar o tipo de conclusão a que se pode chegar através do emprego de ferramentas como o WST; o número de traduções aqui estudadas não é suficiente para autorizar um estudo focalizando especificamente os universais tradutórios. Além disso, outros universais, como a normalização, nem mesmo foram citados (Kruger, 2002:85-94). O pequeno estudo acima pretende tão somente evidenciar algumas semelhanças e diferenças entre as traduções de TTOTS, e ilustrar uma das muitas possibilidades de uso de ferramentas computacionais como o WST no estudo do texto traduzido.

5. Mas por que mais uma tradução brasileira de *The Turn of the Screw*?

Nas seções anteriores, discuti a cronologia e as características das traduções de TTOTS para o português brasileiro. Dispomos, conforme visto, de 10 traduções diferentes da obra, publicadas entre 1961 e 2015. Qual seria, portanto, a justificativa para a proposição de mais uma versão da novela de James?

Existem algumas questões a considerar, nesse momento. Em primeiro lugar, o que me motivou a traduzir TTOTS foi meu interesse particular, como leitora, pela obra. O fascínio que a obra-prima jamesiana tem exercido sobre mim desde que travei conhecimento com ela, há quase 20 anos, foi fator preponderante na decisão de traduzi-la. Antes mesmo de travar contato com as traduções já existentes de TTOTS, ou de iniciar o levantamento de quais seriam essas traduções, meu envolvimento pessoal com a obra já me havia feito decidir traduzi-la.

No entanto, não me dispus a traduzir TTOTS apenas como exercício de retextualização. Pareceu-me válido, acima de tudo, o desafio de oferecer um novo olhar sobre a obra que me impressionou tão vivamente. Dentro da visão de Jorge Luis Borges, uma nova tradução de uma peça literária representa mais uma maneira de ver a mesma história, enriquecendo-a. Em “Las versiones homéricas”, Borges afirma que cada tradutor enriquece a obra original ao vertê-la para outro idioma, pela primeira ou pela enésima vez (Borges, 1996). O autor foi leitor de Henry James e teceu, inclusive, sobre ele comentários que contribuem para uma melhor compreensão do universo cultural de James, compreensão essa de fundamental importância para quem deseja interagir profundamente com sua obra, como é o caso de quem procura traduzi-la. Para Borges, traduzir é um modo de ler e o tradutor é um leitor privilegiado.

Fernandes (2011:21-22) define os clássicos como obras que:

(1) Influenciam um sistema literário exclusivamente através de suas traduções; (2) Receberam mais de uma tradução, convertendo-se em bibliotecas; (3) Suscitam inúmeros problemas de tradução, dando oportunidade a variadas soluções; e (4) Geram (se atentarmos às características já descritas) a expectativa de que sejam antigas.

Ao aplicar-se esse conjunto de critérios à novela de James, percebe-se que TTOTS encaixa-se adequadamente na descrição de obra clássica. Assim, sua retradução justifica-se também pela necessidade de novas releituras da novela, resultando na atualização da “biblioteca TTOTS” - o conjunto de versões do texto de James, em diferentes idiomas, que, juntos, expressam a compreensão dos leitores de diferentes nacionalidades sobre a obra-prima do autor. Pretendo, com a tradução comentada que construí a partir do estudo aqui apresentado, contribuir para esse processo de permanente enriquecimento de TTOTS.

Esse conjunto de motivações para a produção de uma nova versão de TTOTS articula-se parcialmente com a visão de Gambier (1994: 413) segundo a qual uma retradução “seria uma nova tradução, em uma mesma língua, de um texto já traduzido, integralmente ou em parte. Ela estaria ligada à noção da reatualização dos textos, causada pela evolução dos receptores, de seus gostos, de suas necessidades, de suas competências”.²⁷ Assim, uma nova versão de TTOTS pode servir ao propósito de atualizar a obra para o leitor brasileiro, levando em conta as especificidades do público no momento histórico atual.

Essa atualização, porém, não pode ser a única motivação para a produção de

²⁷ “serait une nouvelle traduction, dans une meme langue, d'un texte déjà traduit, en entier ou en partie. Elle serait liée a la notion de reactualisation des textes, déterminée par l'évolution des récepteurs, de leurs goûts, de leurs besoins, de leurs compétences...”

novas versões de textos já traduzidos. É verdade que a tradução de João Gaspar Simões, embora tenha sido lançada há apenas um ano, foi produzida em momento bastante anterior ao de lançamento, em 2015 – segundo informações de Denise Bottman, foi lançada em Portugal em 1943 pela editora Portugália, devendo ter sido editada em português brasileiro anos após. No entanto, mesmo as traduções de Guilherme Silva Braga e Marcos Maffei, lançadas em 2010, e a de Paulo Henriques Britto, publicada em 2011, apresentam olhares diversos sobre a obra: o olhar de tradutores literários profissionais trabalhando para diferentes editoras brasileiras. Embora cronologicamente estejam próximas, ainda assim foram elaboradas segundo perspectivas diferentes entre si, e totalmente diversas do ponto de vista adotado para a tradução comentada que elaboramos com base no presente estudo. E perspectivas e pontos de vista diferentes geram traduções diferentes, mesmo que o momento histórico de produção seja o mesmo. Discordo com a visão segundo a qual “É preciso retraduzir porque as traduções não se adaptam mais a sua época e suportam mal a passagem do tempo” (MIRZA-EBRAHIM-TEHRANI, 2010:85).²⁸ É preciso retraduzir também porque diferentes tradutores oferecem visões diversas sobre a mesma obra. É nessa perspectiva que Elzbieta Skibinska opera ao elaborar seu interessante artigo sobre a retradução, no qual trabalha a noção das novas traduções como *locus* da subjetividade do tradutor (SKIBINSKA, 2007). Como atividade subjetiva, embora possa empregar recursos técnicos padronizados, a tradução, especialmente a literária, permanece como espaço de manifestação do tradutor como ressignificador, como leitor privilegiado dotado de uma história de vida, inserido em um meio social e participante de uma determinada cultura.

É importante considerar que os caminhos profissionais me levaram até a tradução técnica e jurídica, além da docência de língua inglesa; ao decidir elaborar a tradução de TTOTS que surgiu do estudo que ora aqui, pareceu-me interessante verificar qual o impacto que essa carga de experiência poderia exercer sobre a tradução de uma obra literária desse porte. Assim, a tradução comentada que elaborei traz o olhar de um tradutor especializado em textos não literários, bem como de um docente do idioma de partida da obra. Representa, assim, a expressão: 1) da minha experiência como estudiosa e docente de língua inglesa; 2) da minha relação pessoal de leitora com a obra de partida; 3) das minhas crenças como tradutora e pesquisadora em estudos da tradução. Em todos esses níveis, minha subjetividade de retradutora operou para produzir o texto que elaborei tendo como base o estudo que apresentei acima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Mona. Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications. In: BAKER et al (eds). *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 233 – 250, 1993.

BBC America. Anglophenia – Forever Haunting: ‘The Turn of the Screw’ Scares Again and Again. 2014. Disponível em: <http://www.bbcamerica.com/shows//blog/2013/10/forever-haunting-the-turn-of-the-screw-scares-again-and-again>. Último acesso em 22/02/2016.

BORGES, Jorge Luis. BORGES, Jorge Luis. Las versiones homéricas; Los traductores de ‘Las 1001 noches’. In: *Obras completas I: 1923-1949*, 5. ed. Barcelona: Emecé,

²⁸ “Il faut retraduire parce que les traductions ne sont plus adaptées à leur époque et supportent mal le passage du temps”.

1996(a). p. 239-43, 397-413.

BOTTMANN, Denise. Henry James no Brasil (1945-2014). *Belas Infêis*, v. 4, n. 1, p. 245-255, 2015.

BROMWICH, David. Posfácio. In: *A outra volta do parafuso*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

CARGILL, Oscar. *The Novels of Henry James*. New York: MacMillan, 1961.

COSTELLO, Donald P. The structure of *The turn of the screw*. *Modern Language Notes*, vol. 75, No. 4, pp. 212-321. 1960.

EDEL, Leon (ed.). *Henry James*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1960.

EDEL, Leon (ed.). *Henry James – A collection of critical essays*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

EDEL, Leon; LAURENCE, Dan; RAMBEAU, James. *A Bibliography of Henry James: Third Edition*. Oxford : Clarendon Press, 1982.

ESCH, Deborah e WARREN, Jonathan (eds). *The Turn of the Screw – A Norton Critical Edition*, segunda edição. Nova York: W. W. Norton, 1999.

FERNANDES, Fabiano Seixas. O clássico traduzido: Jorge Luis Borges sobre leitura e tradução. *Nonada*, n. 16, 2011.

FOGEL, Daniel Mark (ed.). *A Companion to Henry James Studies*. Westport: Greenwood Press, 1993.

FREEDMAN, Jonathan. *The Cambridge Companion to Henry James*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GAMBIER, Yves. La retraduction, retour et detour. *Meta*, vol. XXXIX, n.3 , 1994.

GUTMAN, Guilherme. The turn of the screw: sobre Henry James, cérebros e fantasmas. *ALEA*, vol. 7, pp. 79-100. 2005.

HEILMAN, Robert. The Freudian reading of *The turn of the screw*. *Modern Language Notes*, Vol. 62, No. 7. 1947.

JAMES, Henry. *The turn of the screw*. Londres: William Heinemann, 1898.

JAMES, Henry. *The Art of Novel*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1909.

JONES, Alexander E. Point of view in *The turn of the screw*. *PMLA*, Vol. 74, No. 1, pp. 112-122. 1959.

KIMMEL, Michael. Metaphor sets in *The turn of the screw*: what conceptual metaphors reveal about narrative functions. In: *Beyond cognitive metaphor theory: perspectives on literary metaphor..* New York: Routledge, 2011, p. 198-223.

LOPES, Chico. A Eficácia do Parafuso. Prefácio da tradução de *A Volta do Parafuso*. São Paulo: Landmark, 2004.

MASTERS, Tim "Hammer takes first steps on stage in *Turn of the Screw*". *BBC News*. Disponível em <http://www.bbc.com/news/entertainment-arts-20462277>. Último acesso em 22/02/2016.

MIRZA-EBRAHIM-TEHRANI, Fatemeh. Retraduire. *Plume*, ano V, n. 10, 2010.

MOISÉS, Massaud. A criação literária. Prosa I. 20ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

- OXFORD. Oxford Dictionary of English, Third Edition. Oxford University Press 2010, 2013.
- PEN, Marcelo. Introdução. In: *A volta do parafuso*. Tradução de Marcos Maffei. São Paulo: Hedra, 2010.
- PRIBERAM. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/lema>. Último acesso em: 23/02/2016.
- REBÊLO, Marques. Prefácio da adaptação de *The Turn of the Screw (Os Inocentes)*. Rio de Janeiro: Tecnoprint / Ediouro, 1972.
- RODRIGUES, Wallace Leal. Prefácio da tradução de *The Turn of the Screw (Os Inocentes)*. Matão/São Paulo: O Clarim, 1980.
- SIOTA, Raúl Valino. The role of the governess in *The Turn of the Screw*. *Odissea*, n. 11, p. 207-221, 2010.
- SKIBINSKA, Elzbieta. La retraduction, manifestation de la subjectivité du traducteur. *Doletiana*, n. 1, 2007.
- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 2007.
- STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. Trad. Flávia Nascimento, Lisboa: Difel, 2007.
- STEENSLAND, Mark. The reversal of value in *The Turn of the Screw*. *Philosophy and Literature*, n. 36, p. 457-464, 2013.
- TÓIBÍN, Colm. Pure Evil – Colm Tóibín on *The Turn of the Screw*. 2006. Disponível em <http://www.theguardian.com/books/2006/jun/03/fiction.colmtoibin>. Último acesso: 22/06/2016.
- TREDY, Dennis et al. *Henry James and the Poetics of Duplicity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- WILLIAMSON, Alan. *The Turn of the Screw and the Locus of Psychoanalytic Criticism*. *Literary Imagination*, vol. 16, n. 3, p. 322-330, 2014.
- YEAZELL, Ruth. *Henry James: A Collection of Critical Essays*. New York: Prentice-Hall, 1994.